

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## O RITUAL *BON-ODORI* ENTRE OS JAPONESES DE BAURU: IDENTIDADE E MEMÓRIA (2010 A 2019).

Rosemeire Pereira D'Ávila  
Doutoranda da Pós-Graduação em História/  
Universidade Estadual Paulista – UNESP  
E-mail: rosemeiredavila@gmail.com

Os imigrantes japoneses que se dirigiram para o Brasil mantiveram algumas tradições<sup>1</sup>, no interior de suas comunidades, entre as quais, uma das mais importantes, o festival de tradição budista do Japão, *Obon Matsuri* (Festival dos Finados). Em seu contexto, ocorre o *Bon-Odori*, conhecido como festival no Brasil, mas que na realidade, é a denominação de uma das danças em homenagem aos antepassados. É por meio da tentativa da apreensão dessa cultura corporal, apresentada sob múltiplos sentidos, que nossa pesquisa busca investigar as expressões culturais e os significados do ritual do “Festival *Bon-Odori*”, como uma das formas mais difundidas e preservadas da cultura nipônica, na cidade de Bauru. Para isso, utilizamos como procedimento de pesquisa a análise documental de dez matérias, sobre as comemorações desse ritual, publicadas em edições do *Jornal da Cidade de Bauru*, no período de 2010 a 2019.

De acordo com Moraes, duas religiões infiltraram-se na alma japonesa: o xintoísmo<sup>2</sup>, nativo, com adoração de deuses em templos, com auxílio de *kanuskis*

---

<sup>1</sup> Apesar de a tradição do *Bon-Odori*, ser milenar, segundo a teoria de Canclini, ao mesmo tempo em que as tradições são mantidas, elas são (re) significadas, com as mudanças sociais que ocorrem e devido ao caráter dinâmico da cultura na ordem moderna. Ele também entende a tradição como manifestação que busca, na modernidade, um meio para seu desenvolvimento através de processos que a transformem. Pois, as tradições acompanham as mudanças ao longo do tempo e também podem se alterar, haja vista, que se manifestam por ações humanas que, embora se constituam em gestos repetitivos, modificam-se ante às necessidades dos sujeitos. CANCLINI, N. G. As culturas populares no capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1983.

<sup>2</sup> Quando começaram existir os céus e a terra, formaram-se divindades invisíveis, que tinham nos céus seu domicílio. O deus dos mares Susanowo, desrespeitou a irmã, Amaterasu (deusa do sol), que escandalizada recolheu-se à gruta dos rochedos (céus e terra ficaram às escuras). Diante das calamidades, as divindades reuniram-se em conselho e resolveu-se que muitos galos anunciariam a madrugada. Um espelho de metal (emblema do sol), um colar de joias e plantas místicas seriam dados como presentes à Amaterasu, acompanhados da dança da deusa Ame-no-uzumé, com 800 deuses num coro de risadas. Finalmente, a deusa abriu a gruta sendo puxada para fora por um Deus, enquanto outro estendeu uma corda à entrada da gruta. Até hoje, nas cerimônias xintoístas figuram o espelho de metal, a corda de palha, as plantas e os acessórios da história. MORAES, W. de. O *Bon-Odori* em Tokushima. Caderno de Impressões Íntimas. Livros de Bordo, Portugal, 2018.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

(sacerdotes) e o budismo<sup>3</sup>, importado da China, via Coreia, também adorado em templos, com auxílio de *bonzos* (sacerdotes). As duas religiões laboram em comum e os japoneses rezam aos deuses e aos budas. Enquanto o xintoísmo é um culto heroico, patriótico, inspirado em ideias guerreiras, de fidelidade ao soberano, respeito pelos grandes vultos nacionais; o budismo é a religião da paz, da piedade e tende a adotar os costumes e generalizar o amor pelos homens, à prática das virtudes e à meditação na vida futura (MORAES, 2018).

O fim do feudalismo no Japão, não significou o fim do “espírito samurai”<sup>4</sup>, o qual foi apropriado pelo discurso nacionalista da Era Meiji (1868-1912), originando o novo culto de devoção ao imperador e piedade filial (*Yamato damashii*- espírito de Yamato), disseminado oficialmente por um sistema de educação universal. A criação desta nova tradição visava à unificação da nação. Segundo Hobsbawm e Ranger, as “tradições”, muitas vezes parecem muito antigas, mas na verdade, são bastante recentes, às vezes, inventadas. O historiador refere-se a práticas rituais ou simbólicas, reguladas por regras que visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica uma continuidade em relação ao passado, o qual não precisa ser muito remoto, mas na medida em que há referência ao passado histórico. (HOBSBAWM; RANGER, 1984).

O *Bon-Odori* segue a tradição budista e é cultuado no Japão desde o período Heian<sup>5</sup> (SILVA, 2019) e tornou-se um evento para cultuar a memória dos antepassados e constitui-se em uma dança de boas-vindas e de agradecimento a eles. Quanto à fundamentação mitológica do Bon-Odori, a lenda é baseada na narrativa do discípulo de Sakyamuni - Buda, chamado Mokuren Sonja<sup>6</sup> (KUBOTA, 2008).

---

<sup>3</sup> Após a morte de Shaka Muni, o Buda, seus discípulos o tornaram como deus, fizeram de sua filosofia verbal uma religião escrita, inventaram templos, cultos e preces. A nova religião sofreu com dissidências e formam-se dois ramos: o budismo do Sul e do Norte, o segundo, se alastrou na China e Coreia (sofrendo alterações) e da Coreia, foi introduzido no Japão em 552 d. C. Id., 2018, p. 96-97.

<sup>4</sup> Princípio moral de lealdade, “caminho ético do guerreiro”, bússola de conduta que norteou o povo japonês. YAMASHIRO, J. História dos Samurais. São Paulo: Massao Ohno-Roswitha Kempf/Editores, 1982.

<sup>5</sup> Período *Heian* (794 a 1185). YAMASHIRO, J. Pequena História do Japão. São Paulo: Editora: Herder, 1964, p. 48-51.

<sup>6</sup> A lenda do monge zen Mokuren lhe atribui o poder de visões transcendentais. Mokuren resolveu visualizar a dimensão em que estava sua bondosa mãe, após sua morte. Ao descobrir que ela renasceria no 20.º Plano Astral (dos espíritos famintos - *Gaki*) e não no 100.º (*Nirvana*), Mokuren ficou desesperado levando alimentos à mãe, porém, ao comê-los, sua boca incendiava-se. O monge orou a Buda e solicitou

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Antigamente no Japão, cada comunidade realizava o ritual do *Bon-Odori* no verão (Julho ou Agosto<sup>7</sup>), em um dia específico. Com a Era *Meiji* e o êxodo rural, a comemoração passou a representar uma oportunidade para retorno às vilas de origem para rever parentes e amigos, sentir o espírito dos antepassados mortos, ou ainda pela intercessão, bênçãos às colheitas futuras e bem-estar à comunidade. Segundo a crença, os espíritos dos antepassados intercederiam pelos vivos, como se fossem membros ativos e dessa forma, se honrados e lembrados trariam paz e prosperidade; mas se esquecidos, trariam males e desgraças. Esses espíritos só teriam permissão de transitar à noite, por isso a festa é realizada após o pôr do sol (SILVA, 2019). Essas práticas e crenças foram transplantadas para os locais de recepção dos imigrantes. Segundo o Sr. Yamada, em Bauru, o *Bon-Odori* vem sendo organizado há cerca de 65 anos:

Muitas famílias aproveitam a oportunidade para se reencontrar durante o festival, voltando das grandes cidades aos seus lugares de origem, como forma de agradecer e manter a memória de seus antepassados. A celebração ocorre sempre após o pôr-do-sol por causa da crença de que os espíritos somente saem durante à noite. (...) No Japão, também ocorre entre Julho e Agosto (YAMADA<sup>8</sup>, 2016).

Para compreendermos esses rituais, nos utilizaremos das ponderações de Tambiah<sup>9</sup> (1985 *apud* RODRIGUES, 2014) que, ao propor esses estudos, nos auxilia na compreensão de que é possível perpassar a dimensão do ritual de uma concepção meramente religiosa/tradicional para questões sociais e políticas. A ação ritualística pode ocorrer de diversas maneiras, em todos os tempos, lugares e com vários grupos,

---

ajuda a seu mestre Sakyamuni, recebendo orientações de que no dia 15 de julho, deveria manter os monges enclausurados no mosteiro (para que por um dia não pisassem em flores e insetos). No dia combinado, o monge preparou um banquete em homenagem à mãe e trancou os monges. Finalmente, o espírito da mãe apareceu-lhe transformado em um ser do 6.º Plano Astral, flutuando e iluminado como um *chōchin* ao vento, Mokuren dançava de alegria, sendo seguido pelos monges, que acabaram por formar uma roda, a qual passou a simbolizar o círculo da felicidade, dando origem à dança do *Bon-Odori*, em homenagem ao espírito dos falecidos. KUBOTA, N. F. L. *Bon-Odori e Sobá: as Obasan na transmissão das tradições japonesas em Campo Grande – MS*. 2008. 210 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Filosofia e Ciências, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/86648>. Acesso em: 20 maio de 2021.

<sup>7</sup> Comemora-se a partir do 13.º ao 15.º dia, do 7.º mês do ano-Julho. Quando o calendário lunar foi alterado para o gregoriano, na era *Meiji*, as localidades no Japão responderam de maneira diferente, resultando em três momentos diferentes de Obon. KANEOYA, Bruno. Disponível em: <http://www.nipocultura.com.br/obon>. Acesso em: 20 maio de 2021.

<sup>8</sup> [Entrevista concedida a] Marcele Tonelli. *Jornal da Cidade*, Bauru, ago. 2016.

<sup>9</sup> Tambiah, Stanley. **Culture, Thought, and Social Action. Na Anthropological Perspective**. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1985.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

porém nenhuma ação performativa é igual à outra, apesar de que os rituais devem ser pensados como eventos especiais que ocorrem no cotidiano e não de forma esporádica. É preciso considerar que para Tambiah, cosmologia e ritual estão interligados numa dinâmica estrutural e esses conceitos precisam ser desvinculados da dimensão/prática meramente religiosa (RODRIGUES, 2014).

O ritual que abrange o *Bon-Odori* envolve indumentárias típicas - *yukata*<sup>10</sup>, gastronomia, decoração, música ao som do *taikô*<sup>11</sup> e dança, a qual apresenta uma característica folclórica, popular e coletiva, demonstrada a partir de uma performance circular<sup>12</sup>, lembrando atividades cotidianas como semeadura, colheita e pesca. No Japão, lanternas são penduradas na frente das casas para guiar os espíritos dos antepassados de volta aos lares; visitas são feitas aos túmulos e templos com oferendas de flores e alimentos; há uma limpeza nas residências e um altar é preparado com alimentos e flores, pois existe a expectativa de eterno retorno (ROSA, 2013). “A preparação do *Bon-Odori*, no Japão, começa com a arrumação do altar doméstico, o *butsudan*<sup>13</sup>. São oferecidos: arroz, frutas, verduras, doces e flores”. O fogo das boas vindas ou *mukaebi* é aceso em 13 de agosto e o fogo da despedida ou *okurubi*, em 15 de agosto. (SILVA, 2019, p. 231). Ao entardecer do último dia do *Obon Matsuri*, é realizada a cerimônia *Toro Nagashi*. As lanternas (*chōchins*) dessa cerimônia, imitando barcos de papel, têm uma base para flutuar nas águas (quando é realizada onde há lagos, rios ou mares), orientando os espíritos ao mundo dos mortos. (ROSA, 2013). No Brasil, a cerimônia é realizada em Mogi das Cruzes, Suzano, Registro e Promissão.

## Figura 1 – Cerimônia do Toro Nagashi

---

<sup>10</sup> Kimono de verão.

<sup>11</sup> Tocado para atrair boas colheitas, afastar maus espíritos e colocar medo nos adversários. SILVA, J. J. da. Imigrantes Japoneses e seus descendentes em Uraí, Paraná: Reconfigurações de Identidades Culturais (1936-2018). 2019. 254 p. Tese (Doutorado em História). Ciências Humanas da UFPR, Curitiba, 2019.

<sup>12</sup>De acordo com Portinari (1989, p. 92, *apud* IWAMOTO; SARAT, 2016), no *Kojiki*, livro sagrado xintoísta, a dança foi uma estratégia para atrair a deusa sol (Amaterasu) após desentendimentos com seu irmão, *Susanowo*. Imperadores passaram a se considerar descendentes da deusa, por isso recebiam homenagens com danças no estilo *mai* (clássica, lenta e solene que atendia às cortes), diferente do popular estilo *odori* (festivo, ágil, espontâneo) para celebração do plantio de arroz, retorno das almas ou floração das cerejeiras. IWAMOTO, Vivian; SARAT, Magda. Danças japonesas: a história e a trajetória de uma professora imigrante. Revista de História Oral, Dossiê, v. 19, n. 2, p. 87-107, jul./dez. 2016.

<sup>13</sup> Altar dos budas - santuário doméstico. MORAES, W. de. O *Bon- Odori* em Tokushima. p. 197-198.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Fonte: Retirada de Shutterstock.<sup>14</sup>

O contexto da saída dos emigrantes do Japão, durante a Era Meiji (1868 a 1912), foi marcado pela eliminação do *shogun* e elevação da figura do imperador ao ápice, com poder mais centralizado, principalmente com a outorga da Constituição de 1889. Na religião, o xintoísmo estatal foi assumido pelo Estado, como um culto que confirmava os símbolos da unidade e superioridade nacionais, sem ser considerado religião e podendo ser exigido de todos os cidadãos como sinal de lealdade, inclusive ensinado nas escolas, com veneração ao imperador (BENEDICT, 2019). No período Meiji, com a transição do sistema feudal para o capitalista, parte da aristocracia permaneceu, porém a figura do *shogun* desapareceu, a classe dos samurais foi abolida e a figura do imperador passou a ter caráter sagrado e inviolável, ou seja, numa clara demonstração de tradição inventada, na concepção de Hobsbawm, pois numa época estática, a conservação de rituais imutáveis pode ser um indício e um reforço da estabilidade e do consenso. Porém, num período de mudança, conflito ou crise, o ritual pode permanecer inalterado, de maneira a dar a impressão de continuidade, comunidade e segurança, embora existam indícios do contrário. Sob certas circunstâncias, uma coroação poderia ser encarada como reafirmação simbólica de grandeza nacional. Mas, num contexto diverso, a mesma cerimônia poderia indicar um desejo coletivo de reviver glórias do passado, portanto os textos dos rituais podem alterar-se de acordo com a “conjuntura histórica” (HOBSBAWM; RANGER, 1984). Ou seja, a partir da disseminação dessa ideologia, principalmente nas escolas, se consolida a figura do Estado-Nação e do imperador, cultuada como sagrada.

---

<sup>14</sup> Disponível em: <https://mundo-nipo.com/cultura-japonesa/datas-festivas/04/08/2013/festival-obon-festival-de-homenagem-aos-mortos/>. Acesso em: 10 ago. 2020.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Com relação à ética do trabalho e educação, na segunda metade do século XIX, Mita<sup>15</sup> (1992 *apud* ODA, 2011, p. 104) deixa claro que: “é menos uma tradição vinda de tempos imemoriais, do que um programa político voltado para a implementação do sistema capitalista e centralização estatal”. Percebe-se então, conforme destacado por Hobsbawm, uma diferença entre as práticas antigas (práticas sociais específicas e coercitivas) e as inventadas (tendência a serem gerais e vagas quanto à natureza dos valores, direitos e obrigações que pretendiam inculcar nos membros de um grupo como, por exemplo, patriotismo, lealdade, dever, espírito escolar). (HOBSBAWM; RANGER, 1984). A democratização da educação visava difundir a ideologia criada na Era Meiji para a construção de uma nova nação, com novos “cidadãos”, porém a modernização engendrada pelo Estado ainda manipulava a seu favor tradições de séculos atrás.

Foi a partir desse contexto e com essa concepção que muitos emigrantes deixaram o Japão e se dirigiram para o Brasil e outros países. É sabido que dentro do quadro da política imigratória brasileira, havia discussões a favor e contra a entrada de imigrantes japoneses no Brasil. Segundo Alvim, a partir do Estado Novo, o governo Vargas, intensificou a campanha nacionalista e nos dos debates da Constituinte de 1934, os japoneses passaram a ser considerados como “perigo amarelo”<sup>16</sup>, envolvendo debates acerca de questões de raça e eugenia e em consequência a continuidade da política imigratória japonesa para o Brasil. Muitos japoneses<sup>17</sup>, que vieram para o Brasil a partir de 1908 e que foram para as fazendas de café, fugiam devido à exploração e ao tipo de trabalho a que eram submetidos. Os fazendeiros, por sua vez, desejavam perpetuar a grande propriedade e o comércio de exportação. Não lhes interessava a introdução de pequenos proprietários, mas imigrantes em larga escala devido à escassez de escravos desde 1850, com a proibição do tráfico (ALVIM, 1998).

Por volta de 1890, a região de Bauru, passou a atrair muitos migrantes (da decadente região aurífera de Minas Gerais), imigrantes europeus (italianos, espanhóis e portugueses), sírios e libaneses, a fim de se dedicarem à cultura do café e ao comércio.

---

<sup>15</sup> MITA, Munesuke (1992), **The social psychology of modern Japan**. Trad. Stephen Suloway. Londres, Kegan Paul.

<sup>16</sup> Para aprofundar a leitura sobre o assunto verificar em: LESSER, 2001; SAKURAI, 2000.

<sup>17</sup> O número de japoneses que entraram no Brasil de 1884 a 1940, segundo Alvim é de 185.799. ALVIM, Z. Imigrantes: a vida privada dos pobres no campo. In: NOVAES, F.A.; SEVCENKO, N. História da vida privada no Brasil 3. República: da *Belle Epoque* à Era do Rádio. SP: Cia das Letras, 1998, p. 233.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Com relação aos imigrantes japoneses que se deslocaram para Bauru, por volta de 1914, a expansão capitalista já se fazia presente por meio do entroncamento de três ferrovias, possibilitando novos negócios. Esse desenvolvimento da região deu início ao processo de urbanização que atraía cada vez mais indivíduos. Muitos japoneses eram egressos de diferentes regiões do Japão, portanto, faziam parte de um grupo heterogêneo com diferenças culturais, mas, ainda assim, o grupo estava unido por uma tradição mais antiga que alicerçava essas identidades étnicas. Ou seja, a de cumprir as obrigações como súditos do imperador japonês nos novos países receptores, apesar de em alguns momentos essa lealdade ter sido interpretada como sinal de negação à integração nacional. Massaki Kuwana teria sido um dos pioneiros a chegar à Bauru, em 1914, vindo da Província de *Kôti*, radicando-se na Fazenda Brasília; em março de 1915, chegou do Peru para Bauru, Issoshiti Sawao, instalando-se em frente à estação ferroviária da NOB, como proprietário de um hotel. Também da província de *Kôti*, chegou à cidade, montando uma mercearia Jitsutaro Yanagui. Em 1922, os Srs. Massaharu Koga e Sakitaro Hirata, vindos da Província de Fukuoka, instalaram uma fábrica de móveis e uma pensão; em seguida, o Sr. Shimpei Okiyama, de Tóquio, abriu uma pensão.

A cidade se desenvolvia de tal forma que, em 1923, existiam 23 famílias de imigrantes japoneses (10 eram *Okinawanos*) e a maioria dedicava-se ao cultivo de legumes e frutas (OGINO, 2010). Alguns desses primeiros imigrantes acabaram por se dedicar a atividades diversas da agricultura como hotelaria, carpintaria, pensionato e mercearia. Mas após a crise de 1929 e do incipiente processo de industrialização, a região de Bauru passou a atrair esses imigrantes mais especificamente para o cultivo de algodão, verduras e frutas.

Sabemos que a forma de organização das comunidades nipônicas, no geral, baseava-se em núcleos coloniais, com cooperação mútua entre os membros, objetivando principalmente a educação dos filhos. Apreende-se, então, que a base dessas relações étnicas eram a reciprocidade e a solidariedade, as quais atuaram como fator facilitador para manutenção da identidade desses imigrantes na zona rural e urbana. Dessa forma, tanto as escolas, (que tinham como objetivo, preparar os filhos para o retorno à terra natal e que acabaram sendo responsáveis pela sobrevivência das identidades do grupo

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

étnico), quanto os esportes, excursões, artes, religião, assistência social, a gincana do *undokai* e o *Bon-Odori*, podem ser considerados como formas de manutenção da cultura e costumes japoneses. Fica evidente que o ritual representa uma tentativa de elo desses imigrantes japoneses no Brasil com os costumes de seus ancestrais e apesar de ser um ritual antigo, que se manteve ao longo dos anos, o *Bon-Odori* foi adquirindo contornos próprios, demonstrando sua importância como parte do processo de definição de identidade da colônia. Seyferth, realizou uma análise sobre a etnicidade a partir do processo de flexibilização das fronteiras étnicas, mas não de sua destruição, o que abre a possibilidade de negociação e aproximação/distanciamento em diversos campos, entre imigrantes e não imigrantes (SEYFERT, 2011). Nesse aspecto, fica clara a tentativa de negociação, quando Kobayashi destaca que: “a festividade milenar tem como objetivo fortalecer a identidade da comunidade nipônica bauruense; estreitar laços de amizade entre Brasil e Japão, além de divulgar a cultura japonesa” (KOBAYASHI, 2010, p. 7).

Percebe-se que houve uma flexibilização (sem destruição) e existe certa preocupação com a manutenção dos laços culturais na fala do Sr. Kosaka, talvez devido ao perfil e à quantidade de frequentadores nas festas (mais mestiços), ou ainda quanto a algum nível de desinteresse dos *sanseis* na organização e continuidade de eventos: “Através do *Bon-Odori*, é possível manter laços culturais entre novas e antigas gerações e também com outras culturas. Com o tempo nós agregamos elementos da cultura brasileira no festival, com o intuito de fazer um intercâmbio entre as culturas” (KOSAKA, 2010, p. 7). A flexibilização também fica clara na medida em que se faz necessário “agregar” elementos da culinária brasileira à oriental. Apesar de algumas perdas culturais significativas como: curso de japonês, cooperativa agrícola, cursos de *ikebana*,<sup>18</sup> sessões de cinema com filmes japoneses que reduziram o público, ainda assim, mantém-se a flexibilização das fronteiras étnicas com o objetivo de manter o interesse das novas gerações (*sanseis*). Ou seja, a aproximação se deu a nível cultural, social e político, o convite para as festas e para o curso de *taikô*, por exemplo, sempre são abertos a todos e há um cardápio para atender o paladar “abrasileirado”, mas ainda assim, o festival tem um caráter ritualístico que pretende manter os costumes e reafirmar a presença e imagem da colônia na cidade. De tal forma, é possível verificar que mesmo

---

<sup>18</sup> Era a decoração específica para altares religiosos (o objetivo era agradecer a Buda), é composta de folhas, flores, plantas secas e galhos.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

em 2017, segundo afirmação do Sr. Nakamine, existe algum envolvimento por parte das novas gerações: “Mantido pelas novas e antigas gerações da comunidade oriental, o tradicional evento promove rituais antigos praticados por agricultores japoneses” (NAKAMINE, 2017, p. 7).

Também é preciso ressaltar que durante o período analisado por nós (2010 a 2019), percebe-se a incorporação de alguns elementos culturais da cidade na dinâmica do ritual: presença de brasileiros e nipo-brasileiros cada vez mais constantes, atraídos pelos costumes, valores e culinária orientais; casamentos cada vez mais exogâmicos; a própria gastronomia que precisou ser adaptada incluindo em seu cardápio alimentos da culinária brasileira; além de o ritual do *Bon-Odori* ser incorporado ao aniversário da cidade de Bauru, pela coincidência do mês de agosto (dia 1.º) ser aniversário da cidade.

O ritual exige antecedência na preparação e demanda a participação de grande parte dos associados do Clube Nipo envolvidos com a organização, decoração, venda de entradas, ensaios das danças e músicas com o *taikô*, preparação dos pratos típicos da culinária oriental e brasileira. Entre esses pratos típicos são vendidos *sushi*, *sashimi*, *yakissoba*, iscas de peixe e doces típicos; também são comercializados pastéis, espetinhos e bebidas. Exatamente nesses momentos que vão da organização à participação, emerge o processo de troca na relação com o outro, a partir daí a “o grupo étnico” (se materializa), acorda de seu “adormecimento” e passa a existir “concretamente”, ganha um sopro de vida que dá o real significado a pequenos momentos em que muitos podem vivenciar seu sentimento de pertencimento ao mesmo grupo étnico, como diz Ennes:

No cotidiano, as relações ocorrem geralmente por meio de práticas e representações que não delimitam claramente o pertencimento aos grupos étnicos. Já a cerimônia é um espaço de maior visibilidade do pertencimento étnico, o que fica expresso na encenação das danças, na alimentação e nas vestimentas, ainda que seja também, amplamente frequentada por não-nipo-brasileiros (ENNES, 2010 p. 204).

Nos dias de hoje, o *Bon-Odori* ocorre no Clube Nipo Bauru, no centro do salão principal é montado o *yagura*, espécie de torre apoiada a um palco, onde ficam os tocadores de *taikôs*. É desta torre que saem os *chôchins* para iluminar as pessoas que dançam: “A decoração iluminada com lanternas vermelhas e brancas lembram a

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

bandeira japonesa e tem também um simbolismo a mais. As luminárias *tyotins* funcionam como uma homenagem aos antepassados” (MILANEZ<sup>19</sup>, 2019). A vestimenta também faz parte do ritual, as mulheres se apresentam vestidas com o *yukata* porque a festa remete à época do verão nórdico. É importante ressaltar que o ritual também faz parte do processo de definição da identidade cultural desses imigrantes, mas com o decorrer do tempo e espaço (chegada desses imigrantes ao Brasil) ele foi sendo ressignificado e cada geração o revive a sua própria maneira. Como foi demonstrado por Tambiah (1985 *apud* RODRIGUES, 2014), o ritual não significa um gesto, mas envolve um conjunto de características como formalidade, rigidez, condensação e redundância, que se manifestam de diferentes formas como na música, dança ou palavras, às quais possibilitam ações coletivas e síncronas que envolvem um ato comunicativo e possibilita instrumentos para vislumbrar diferentes visões de mundo e valores morais.

Toda a decoração faz referência ao Japão e representa uma tentativa de repassar os valores e costumes, dessa forma, os músicos da banda Gakudan, reunidos ao redor do *yagura*, vestidos com *yukata*, por meio de seus *taikôs*, homenageiam seus antepassados com ritmos alegres, acompanhados pelas danças típicas folclóricas. Segundo Jiniti, presidente do Nipo: “Os integrantes começam a dança às 20 h. As mulheres usam vestimentas especiais nesta data: quimono, os homens também usam” (JINITI, 2011, p. 16). A dança requer muitos ensaios:

A data é como se fosse o Dia de Finados para os brasileiros, no entanto, o dia é de festa. A festa é aberta para toda a comunidade de Bauru e região. Mas dançar as músicas do *Bon-Odori* não é tão simples. É necessário muito ensaio. Eles foram realizados durante cinco terças-feiras consecutivas. No ensaio passam cerca de 80 a 100 pessoas (JINITI, 2011, p. 16).

Apesar de ser mais festiva, espontânea e ágil em seus ritmos e executada por grupos femininos, masculinos e mistos, existe toda uma simetria e preocupação com a organização da dança, por isso é necessário ressaltar que:

As mulheres e homens mais velhos dançam em ritmos e passos diferentes, pois formam uma roda por fora da roda dos jovens que ficam mais ao centro. As músicas e danças acontecem sem parar por mais de uma hora, quando a

---

<sup>19</sup> Disponível em: <https://www.jcnet.com.br/noticias/geral/2019/08/555769-bon-odori-celebra-finados-amanha.html>. Acesso em: 08 nov. 2019.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

banda geralmente descansa. Depois da pausa para comer e beber, a festa volta a acontecer e vai até a meia-noite (JINITI, 2011, p. 16).

No Japão, o *Obon Matsuri* (Festival dos Finados), apresenta rituais de caráter mortuário. A dança *Bon-Odori* faz parte do festival, para a celebração do período em que os espíritos dos ancestrais retornariam do mundo espiritual para o mundo dos vivos, de forma que atinjam a elevação espiritual por meio dos diversos círculos de morte e renascimento. As reverências se expressam por meio de danças circulares, músicas e alimentos o que remete ao caráter doméstico e mais natural que a morte adquire no Japão, diferente do Ocidente. No Brasil, as práticas mortuárias foram reconstruídas e ressignificadas a partir das características peculiares e conservadoras da sociedade majoritariamente católica, fazendo com que as expressões de religiosidade pudessem se estabelecer de forma institucional somente a partir da segunda metade do século XX. Nesse processo, os relicários domésticos como *butsudan* e *kamidana* saíram das salas Orientais direto para o recôndito dos quartos Ocidentais, os quais exigem uma série de ritos especiais.

A dança, a música, a indumentária, a gastronomia e a decoração embora apresentem características profanas, também fazem parte do rito, pois a celebração da morte seria prática coletiva e naturalizada nas religiosidades nipônicas. A circularidade se apresenta como um dos aspectos simbólicos do *Bon-Odori*. Os dançarinos circulam o *yogura*, de forma contínua, a partir de dez canções nipônicas que se repetem. Segundo Eliade, tal fato remete a questão do eterno retorno do tempo sagrado, pois o rito seria uma forma de reatualizar o mito de que os mortos retornariam todos os anos sempre na mesma época (ELIADE, 2001). Para, além disso, os movimentos circulares que remetem a práticas cotidianas podem se referir à circularidade que caracteriza o tempo da natureza (estações do ano). As lanternas (*chochins*) remetem a objeto de invocação dos mortos<sup>20</sup>. Também são apropriados no rito elementos da culinária brasileira. Para Chartier, essa apropriação constrói diferentes significados sobre o ritual, e não simplesmente assimilação no sentido de reproduzir os aspectos de outros sistemas simbólicos. Esse caráter dinâmico remete a uma negociação com diferentes elementos

---

<sup>20</sup> Nomes são escritos nos *ihai* (placa com nome do falecido representando-o) e barcos do Toro Nagashi.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

culturais, com o objetivo de oferecer condições para a reprodução social e cultural do evento nas circunstâncias atuais. (CHARTIER, 2002).

**Figura 2 - Bon-Odori, Nipo – Bauru – 2017**



Fonte: Retirada de JCnet.com.br<sup>21</sup>

A imagem, que retrata a dança *Bon-Odori*, representa mais um dos instrumentos a ser utilizado pelo historiador. Entretanto, como foi colocado por Kossoy, não se pode fazer uso da fotografia como simples ilustração da realidade, nem como reflexo do real, mas como sua representação, haja vista que a fotografia é portadora de um discurso, na medida em que se presta a traduzir um instante (grifo nosso) repleto de intencionalidades, podendo ser considerada como meio de expressão e informação, porém nela está a visão de mundo do autor. A imagem acima é do *Bon-Odori*, no Clube Nipo de Bauru, em 05/08/2017. Por alguns momentos, esses indivíduos tentaram viver e reviver a experiência do antigo ritual, de forma que pode-se perceber a roda de jovens no interior e os mais velhos do lado de fora do *yagura*, os quais fazem uso do *yukata* como vem ocorrendo há algumas gerações. O ritual atrai um público variado quanto ao perfil e quantidade, mas alguns não percebem o caráter mortuário que perpassa o *Bon-Odori*.

Cabe destacar que algumas transformações começam a se delinear apesar da perseverança das antigas gerações dos *isseis* e *nisseis* em tentar preservar os traços originais e a cultura por meio desse ritual, da arte, culinária, religiosidade, língua, etc.

---

<sup>21</sup> Disponível em: Disponível em: <https://www.jcnet.com.br/noticias/geral/2017/08/505173-bon-odori-cultua-antepassados-neste-sabado.html>

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Mas as transformações impactaram principalmente a geração dos *sanseis*<sup>22</sup>, uma vez que os mesmos vivenciaram experiências diferentes da cultura dos antepassados, pois foram educados com mais liberdade e maior integração à cultura local. Tais transformações tiveram como causas os casamentos exogâmicos, as novas sociabilidades do cotidiano e à ascensão social por meio da escolaridade. Como vimos, parte das famílias que se fixaram em Bauru procediam de diferentes regiões do Japão, formando grupos heterogêneos com diferenças culturais, os quais emigraram em um contexto (Era *Meiji*) de cidadãos leais, seguidores de uma rígida hierarquia, cumpridores de obrigações, impregnados pelo xintoísmo estatal, trazido nas mentes e na memória. Em Bauru, embora o grupo não fosse tão unido (há um grupo de okinawanos entre eles), as próprias adversidades do contexto histórico e o xintoísmo imposto pelo Estado Imperial (que tentava confirmar os símbolos da unidade e superioridade nacionais), acabaram deixando marcas que afetaram o modo de vida desses pioneiros. Esse grupo tentava manter-se unido revivendo sentimentos de pertencimentos nas sociabilidades, na religião, em aspectos culturais e, principalmente em momentos como no ritual do *Bon-Odori*.

Mas, com o decorrer do tempo, e a impossibilidade do retorno, as sociabilidades passaram a representar um meio de apresentar seus valores e costumes e estabelecer vínculos com a população local, porém novos valores culturais precisaram ser acrescentados, o que demonstra uma característica de flexibilidade, que ocorreu de diversas formas: com a integração de nipo-brasileiros e de brasileiros, com a inserção de pratos brasileiros na gastronomia por ocasião dos festivais e gincanas, bem como com a inserção do ritual do *Bon-Odori* no calendário municipal.

Finalmente, com os casamentos exogâmicos e a abertura do ritual para participação da população local, houve uma ressignificação do ritual e da família. Em contrapartida, também há cada vez mais esforço por parte dos mais velhos (*isseis* e *nisseis*) em convencer os jovens da participação nos rituais, os quais se aproximam cada vez mais da cultura nacional, deixando em evidência o problema da diluição da fronteira cultural. Para as novas gerações, o Clube deixou de ser ponto de encontro exclusivo.

---

<sup>22</sup> *Issei*: do “*sei*” = geração: *Issei* – 1.ª geração de imigrantes, nascidos no Japão, vindos para o Brasil; *nissei*: 2.ª geração – filho de imigrante japonês nascido no Brasil.; *sansei*: 3.ª geração – neto de imigrante japonês nascido no Brasil.; *yonsei*: 4.ª geração – bisneto de imigrante japonês nascido no Brasil.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Porém, mesmo a cultura desses imigrantes tendo que estruturar-se de forma a adaptar-se à sociedade contemporânea, de uma forma ou de outra, esse agrupamento é um dos que mais preservaram seus valores e costumes na cidade de Bauru, sendo os mais de 65 anos de celebração do ritual do *Bon- Odori*, um dos exemplos de tal fato.

## REFERÊNCIAS

ALVIM, Z. Imigrantes: a vida privada dos pobres no campo. *In*: NOVAES, F.A.; SEVCENKO, N. **História da vida privada no Brasil 3**. República: da *Belle Epoque* à Era do Rádio. São Paulo: Cia das Letras, 1998, p. 233.

BENEDICT, R. A Reforma Meiji. *In*: BENEDICT, R. **O crisântemo e a espada: padrões da cultura japonesa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. p. 53-61.

CANCLINI, Nestor Garcia. As culturas populares no capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CHARTIER, R. **À beira da falésia: a História entre certezas e inquietudes**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ENNES, M. *Bon-Odori*: Fronteiras Simbólicas, Identidades e Estratificação Social. **Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política**, v. 19, n. 1, p. 195-211, 2010.

HALL, Stuart. A identidade Cultural na Pós-Modernidade. RJ: DP&A, 2006.

HATUGAI, E. R. **A medida das coisas: Japonesidades e parentesco entre associados da Nipo em Araraquara**. 2011. 152 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos-Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/204/4001.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 maio 2021.

HOBSBAWM, Eric. J.; RANGER, Terence. **A invenção das Tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1984.

IWAMOTO, V.; SARAT, M. Danças japonesas: a história e a trajetória de uma professora imigrante. **Revista de História Oral, Dossiê**, v. 19, n. 2, p. 87-107, jul./dez. 2016.

JINITI, N.S. *Bon-Odori* espera 2 mil pessoas hoje. [Entrevista concedida a] B.D. **Jornal da Cidade**. J.C. Nos Bairros, Bauru, 06 ago. 2016, p. 16.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

KOBAYASHI, M. do C. *Bon-Odori*, a festa nipo-brasileira. **Jornal da Cidade**. Geral, Bauru, 07 de ago., de 2010, p. 7. Disponível em: <https://www.jcnet.com.br/noticias/geral/2010/08/577991-bon-odori--a-festa-nipo-brasileira.html>. Acesso em: 08 nov. 2019.

KOSAKA, J. A. *Bon-Odori* a festa nipo-brasileira. **Jornal da Cidade**. Geral, Bauru, 07 de ago., de 2010, p. 7. Disponível em: <https://www.jcnet.com.br/noticias/geral/2010/08/577991-bon-odori--a-festa-nipo-brasileira.html>. Acesso em: 08 nov. 2019.

KOSSOY, B. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KUBOTA, N. F. L. *Bon-Odori e Sobá: as Obasan* na transmissão das tradições japonesas em Campo Grande – MS. 2008. 210 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Filosofia e Ciências, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/86648>. Acesso em: 20 maio 2021.

KUBOTA, N. F. L. Relatos de chegada: imigrantes japoneses em Campo Grande. **Auroraesp**. Ano II, n.2, jun.2008.

MILANEZ, C. *Bon-Odori* celebra finados amanhã. **Jornal da Cidade**, Bauru, 02 de ago., 2019. Disponível em: <https://www.jcnet.com.br/noticias/geral/2019/08/555769-bon-odori-celebra-finados-amanha.html>. Acesso em: 08 nov. 2019.

MORAES, W. de. **O Bon-Odori em Tokushima**. Caderno de Impressões Íntimas. Livros de Bordo, Portugal, 2018.

NAKAMINE, S. *Bon-Odori* cultura antepassados hoje. **Jornal da Cidade**. Geral, Bauru, 05 de ago., 2017.

NAKAMINE, S. *Bon-Odori* homenageia antepassados. [Entrevista concedida a] Cinthia Milanez. **Jornal da Cidade**, Bauru, 03 de ago. 2018.

ODA, E. Interpretações da “Cultura Japonesa” e seus reflexos no Brasil. **Revista Brasileira de ciências Sociais**, v. 26, nº 75, fev. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/HywVGk8pJ76RwPCRmV4JpSS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 ago. 2020.

OGINO, M. **A Colônia Nikkei da Região de Bauru**. Clube Cultural Nipo Brasileiro de Bauru – Edição Comemorativa do Centenário da Imigração Japonesa. São Manoel SP: Grafilar, 2010.

RODRIGUES, R. de O. Ritual em Tambiah: trajetória, conceitos e reflexões. **Revista Brasileira de História das Relações**. ANPUH, Ano VII, nº20, Set. 2014. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/23941/13575>. Acesso em: 10 ago. 2020.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ROSA, M. **Festival Obon, o mais longo e importante evento religioso do Japão.** Disponível em: <https://mundo-nipo.com/cultura-japonesa/datas-festivas/04/08/2013/festival-obon-festival-de-homenagem-aos-mortos/>. Acesso em: 10 ago. 2020.

SEYFERT, G. A dimensão Cultural da Imigração. **Revista Brasileira de Ciências Sociais.** Vol. 26, nº 77, Out. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/rqYgztJ84rvt9jr73Xm5Twx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 10/12/2020.

SILVA, J. J. da. **Imigrantes Japoneses e seus descendentes em Uraí, Paraná: Reconfigurações de Identidades Culturais (1936-2018).** 2019. 254 p. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas da UFPR, Curitiba, 2019.

YAMADA, M. *Bon-Odori* está chegando. Evento da cultura oriental que remete ao Dia de Finados será realizado neste sábado no Clube Nipo-Brasileiro de Bauru. [Entrevista concedida a] Mariana Cerigato. **Jornal da Cidade**, JC Cultura, 02 ago. 2012.

YAMADA, M. *Bon-Odori* mantém viva memória dos mortos neste sábado. Música, dança, arte e culinária são destaques em evento que cultua almas de antepassados. [Entrevista concedida a] Marcele Tonelli. **Jornal da Cidade**, Bauru, ago. 2016.

YAMASHIRO, J. **Pequena História do Japão.** SP: Editora Herder, 1964, p. 48-51.